

A Cerca

A Sr.^a Vitória vivia nos arrabaldes da cidade. À volta da sua casinha havia um jardim com árvores de fruto e canteiros de flores e legumes. Não morava sozinha. Tinha um cão, um Schnauzer preto e cinzento que, quando ladrava, mais parecia um barril de metal cheio de pedras a rolar por uma encosta. Chamava-se Tasso, e era com ele que a Sr.^a Vitória falava quando estava só, o que, aliás, acontecia muitas vezes. Não tinha filhos nem demais família, e já era tão idosa que dificilmente poderia fazer novos amigos. Só tinha o seu Tasso, a quem adorava. Ai de quem dissesse mal do Tasso! A fúria trazia-lhe à boca palavras feias e a ira subia-lhe aos olhos.

A Sr.^a Maria morava também nos arrabaldes da cidade. À volta de casa havia igualmente um lindo jardim bem arranjado, com relva e abetos brancos, bétulas e salgueiros. A Sr.^a Maria tinha filhos, filhas e netos, mas estes não se preocupavam com ela porque era idosa e infeliz, e não tinha grande fortuna. E, tal como a Sr.^a Vitória, tinha também um cão, um baixote a que dera o nome de Niki. Quando Niki ladrava, parecia que cem garotos traquinas estavam a brincar com apitos... todos ao mesmo tempo! Mas, para a Sr.^a Maria, o ladrar do seu cãozinho era maravilhoso e os olhos brilhavam-lhe quando ele, com o focinho cheio de terra, parava a ladrar em frente de algum buraco de ratos.

A Sr.^a Vitória e a Sr.^a Maria eram vizinhas. Os jardins estavam separados por uma cerca de ripas de madeira, mas nem a Sr.^a Vitória nem a Sr.^a Maria se aproximavam dela se a outra estivesse no fundo do jardim. Não gostavam uma da outra. Nunca tinham tentado trocar uma palavra, e os culpados disso eram Tasso e Niki.

Todas as manhãs, mal as portas das duas casas se abriam, Tasso e Niki precipitavam-se para o jardim, corriam para a cerca e, de dentes arreganhados, corriam de um lado para o outro, para cima e para baixo ao longo da cerca, latindo furiosamente: o barril de metal rouco e o apito estridente. Com o pêlo eriçado e os beiços a espumar, prontos a saltar ao pescoço um do outro a qualquer momento. E, todas as manhãs, a Sr.^a Vitória e a Sr.^a Maria apareciam à porta com mães caras e de mãos trémulas, a chamar os seus queridos.

— Tasso! Tasso! Querido! Já aqui! Deixa esse cão mau — chamava a Sr.^a Vitória indignada.

— Niki, Niki! Já para aqui! Vem comer a tua carniinha. Deixa esse selvagem! — gritava a Sr.^a Maria fora de si.

Quando os cães se separavam e voltavam para as donas, eram recebidos com muita efusão, acariciados e conduzidos às tigelas da comida. As portas fechavam-se com estrondo, e a Sr.^a Maria e a Sr.^a Vitória voltavam a ficar a sós com os seus cães.

— És um cão muito bonito — dizia a Sr.^a Vitória ao seu Tasso, enquanto lhe passava a mão pelo pêlo. — Isso! Ralha àquele cão mau! Tem um ladrar tão feio! Tu não! Tu és um bom cão, um cão muito bonito.

Do outro lado da cerca, a conversa era a mesma:

— Anda, Nikinho, aqui tens a tua carinha. É assim mesmo! Mostra àquele feio que aqui não há-de fazer o que quer. Um selvagem daqueles! — dizia a Sr.^a Maria ao seu cão.

A Sr.^a Maria ia em seguida ao quarto de banho, fingia que sacudia as cortinas e espreitava para o jardim. A Sr.^a Vitória ia igualmente ao quarto de banho, subia a um banquinho e, com cautela, deitava uma olhadela por cima da cerca. Depois, as duas senhoras abandonavam os seus postos de observação e ficavam satisfeitas quando não viam ninguém no jardim.

Certa noite, uma tempestade passou por aquela zona, lançou rajadas de vento sobre o jardim, sacudiu as árvores e os arbustos, abanou a velha cerca e partiu-lhe um pedaço.

O dia seguinte amanheceu calmo e sereno. Só a chilreada dos pássaros era a do costume, e assim esteve, até as portas das duas casas se abrirem e Tasso e Niki se precipitarem para fora.

Atiçaram-se um ao outro, lançaram-se contra a cerca, ladraram, espumaram, arreganharam os dentes, correram ofegantes ao longo da cerca tentando apanhar-se, voltaram para trás e tornaram a correr até à outra ponta. Até ao local onde a tempestade a tinha derrubado.

Os cães pararam. O ladrar morreu. De um momento para o outro, encontravam-se frente a frente, sem a cerca a separá-los, assustados, surpreendidos, quietos. Durante uns segundos, olharam-se, desconfiados, sem se mexerem, até que, aos poucos, as orelhas caídas se foram levantando, o pêlo eriçado se acalmou, as caudas começaram a mexer-se e a abanar. Depois, tocaram-se levemente nos focinhos, farejaram-se e começaram a andar em círculo, cada vez mais depressa, até que Tasso entrou a correr pelo jardim de Niki, com este atrás. Desataram a correr à volta da casa, de início sem fazerem barulho, tentando apanhar-se um ao outro, e passaram para o jardim de Tasso. Empurravam-se, davam cambalhotas, rolavam na relva, latiam baixinho de prazer e alegria para depois continuarem naquela perseguição desenfreada.

Quando chegou à porta, a Sr.^a Vitória estranhou o silêncio. A Sr.^a Maria também abriu a boca de admiração quando se preparava para chamar o seu queridinho, não pelo silêncio em que o jardim se encontrava, mas por ver dois cães com a língua de fora, a correr em círculo à volta das bétulas e dos salgueiros.

— Niki! — gritou indignada a Sr.^a Maria.

Os dois cães correram até junto dela, deitaram-se aos seus pés, rodearam-na, roçaram-se-lhe nas pernas, lambeiram-lhe as mãos. Dispersaram em seguida, tornaram a sair

para correr à volta da casa e passaram para o outro jardim, subindo os degraus da porta das traseiras, de onde a Sr.^a Vitória, decepcionada, assistia àquela correria desenfreada. Confusa, desceu ao jardim, e foi imediatamente cercada pelos cães, que corriam à sua volta, saltando e latindo, rebolando-se e batendo com o focinho nas mãos dela. Depois afastaram-se. Tasso procurou a maior macieira, no tronco da qual levantou a pata, e correu para o seu jardim, seguido por Niki, que escolheu o salgueiro do jardim da Sr.^a Maria para deixar a sua marca.

A Sr.^a Vitória aproximou-se devagar da cerca do jardim, para ver os estragos provocados pela tempestade.

A Sr.^a Maria apareceu à esquina da casa e parou, mas lá se foi aproximando da cerca, hesitante.

— A trovoada desta noite... — disse a Sr.^a Vitória.

A Sr.^a Maria acenou.

— A tempestade — acrescentou.

— Foi uma sorte não ter havido mais estragos — disse a Sr.^a Vitória.

— E não terem caído árvores, graças a Deus — disse a Sr.^a Maria.

— E não se terem estragado telhados — acrescentou a Sr.^a Vitória.

Depois olharam à sua volta.

— Mas onde é que estão os cães? — perguntou a Sr.^a Vitória.

— Talvez em minha casa. Deixei a porta aberta — disse a Sr.^a Maria, dirigindo-se rapidamente para casa.

A Sr.^a Vitória também queria segui-la para ir buscar o seu Tasso, mas não se atrevia a passar a cerca. Ficou a olhar para a vizinha, que se afastava. A Sr.^a Maria virou-se de repente.

— Venha — disse. — Vamos procurar os cães!

A Sr.^a Vitória passou a cerca estragada. Estava com uma sensação esquisita. Era como se estivesse a penetrar num mundo totalmente estranho e desconhecido.

Os cães estavam de facto em casa, em frente de um prato com carne, onde comiam ambos, um ao lado do outro. As duas senhoras pararam atrás e observavam, caladas.

— Bem, mas agora já chega! — disse a Sr.^a Vitória a Tasso, algum tempo depois. — Não vais comer tudo ao Niki! Além disso, tens de o convidar para vir a nossa casa!

Agarrou-lhe na coleira e levou-o. A Sr.^a Maria acompanhou-a até ao buraco na vedação.

— Já que sou eu a responsável pela vedação — disse — vou mandar arranjar-la.

— Isso vai custar muito dinheiro — disse a Sr.^a Maria.

— O que tem de ser, tem de ser — respondeu a Sr.^a Vitória.

Niki saiu de casa a correr em direcção ao jardim da Sr.^a Vitória.

— Estes cães não respeitam fronteiras nenhuma — disse a Sr.^a Maria, sorrindo, embaraçada. — Por mim, não precisa de mandar já comprar a cerca.

— Está bem, mas o que é que eu faço com ela?

— Está tão podre. Deixe-a lá!

— Os cães iam gostar... — disse a Sr.^a Vitória.

— Hum... já deixaram de ladrar. E as fronteiras não tornam maus só os animais — disse a Sr.^a Maria.

Por uns instantes, a Sr.^a Vitória olhou em volta, e depois perguntou:

— Já tomou o pequeno-almoço?

— Eu não, só o cão — respondeu a Sr.^a Maria.

— Então venha! O meu café ainda está quente.

Wilhelm Meissel

Jutta Modler (org.)
Brücken Bauen
Wien, Herder, 1987